

História da Biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema *

ALFREDO SERRAI **

(Considera a história das bibliotecas como consequência da evolução das idéias e dos sistemas filosóficos que se sucederam nos vários séculos, e suas implicações na biblioteca do futuro.)

A civilização humana foi se formando graças à acumulação das experiências sofridas pelas gerações que nos precederam. A conservação e a transmissão das aquisições elaboradas e complexas somente pode ter lugar mediante registros físicos de tipo permanente, ou pelo menos bastante duradouro. (Após um período inicial no qual o homem transmitia oralmente suas experiências à sua própria geração, houve a transmissão às gerações posteriores por meio de alguns indi-

* Este artigo foi publicado originalmente em duas partes, na revista "Accademie e Biblioteche d'Italia" XLI (3, 4/5):153-163, 267-279. 1973. Com permissão do autor foi resumida a primeira e traduzida integralmente a segunda, pela Professora Maria Romano Schreiber da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

** Professor de Biblioteconomia e Bibliografia na "Scuola Speciale per Archivisti e Bibliotecari", da Universidade de Roma.

vídus da tribo treinados para esse fim (uma das manifestações é a poesia popular). As bibliotecas, não têm esse ponto de partida: elas se prendem à descoberta da escrita sobre materiais estáveis e leves, os documentos. Tijolos de barro, rolos de papiro, códices de pergaminho têm a mesma função dos livros impressos sobre papel e das fitas magnéticas dos nossos dias. A memória biológica, que pertence à espécie, e à memória cerebral, que é do indivíduo, acrescentou-se a biblioteca, como memória coletiva das experiências existenciais, científicas e culturais, seja do indivíduo, seja da sociedade. No começo não há diferença entre biblioteca e arquivo: uma única instituição preenchia ambas as funções. Mais tarde, os arquivos tiveram a finalidade de reunir e conservar os testemunhos diretos de uma época, os documentos não elaborados, enquanto à biblioteca competia reunir os documentos elaborados, os produtos intelectuais e espirituais das gerações.

Com as coleções de livros surge o problema de sua organização, para que os mesmos sejam encontrados da maneira mais rápida e econômica. A função e a finalidade da biblioteca sofreram através dos séculos variações e mudanças, até a crise dos nossos dias quando os serviços fornecidos pela biblioteca não são mais proporcionais à demanda de informação.

A história das bibliotecas, além de fornecer um panorama das principais coleções, tem a finalidade de indicar essas mudanças em relação à sociedade e, dentro do sistema bibliotecário, os dispositivos práticos. A escrita implica o documento, os documentos requerem não só um depósito, mas uma reunião, e esta, por sua vez, exige uma organização que facilite o encontro dos documentos toda vez que for necessário. Precisa-se, praticamente, de duas operações: uma que

permita o rápido encontro dos documentos, e a outra, que indique em quais documentos se encontram as indicações e os dados procurados. Em termos bibliotecários essas duas funções são cumpridas pelo catálogo por autores e títulos, e pelo catálogo de matérias (ou assunto.) Essas funções são desempenhadas de maneira mais ou menos completa e satisfatória conforme as épocas: a história das técnicas usadas é a própria história da biblioteconomia, da classificação, da catalogação, das estruturas bibliográficas em geral.

A BIBLIOTECA DESDE A ORIGEM ATÉ A INVENÇÃO DA IMPRENSA

O Egito e a China, entre outros países, tiveram bibliotecas muitos séculos antes de Cristo, mas a civilização que deixou provas mais tangíveis de grandes coleções de documentos foi a assírio-babilônica com a grande biblioteca de Nínive (VI séc., a.C.) e os milhares de tijolos de barro que testemunham sua organização — em seções — e a posição de cada “livro” na coleção. Da biblioteca de Alexandria (II séc. a.C.), que conteve centenas de milhares de rolos, importantíssimo centro de cópia e de exegese, sabemos que seu catálogo (pinakes) era organizado por classes e dentro de cada classe os autores eram arrolados segundo ordem alfabética.

Da biblioteca de Pérgamo (rival de Alexandria), mediante as escavações arqueológicas, foram reconstruídas as estruturas arquitetônicas que indicam o tipo de edifício destinado à biblioteca durante a idade clássica. As bibliotecas romanas imperiais eram, no IV século d.C., 28 na Capital do Império, mas de sua organização bem pouco sabemos.

A crise e o fim da biblioteca antiga no ocidente prende-se a causas externas, a acontecimentos sociais,

políticos e militares que levam ao desaparecimento do Império Romano do Ocidente e a causas internas, como o enfraquecimento e a decadência da tradição filosófica e literária clássica sob o impulso da nova ideologia cristã. (As bibliotecas de Roma Imperial fecham-se uma após outra, em seu lugar aparecem as bibliotecas cristãs, mas com seu interesse centrado nos livros sagrados: o pouco que se preserva da tradição pagã é ainda reunido nas seções gregas e latinas, mas as bibliotecas possuem um papel secundário, como o de fornecer material para a polêmica contra o mundo pagão. Essa revolução intelectual coincide com a transferência dos textos antigos do papiro para o pergaminho, que, nem sempre intencionalmente, vem constituir um filtro desfavorável à cópia e à conservação da literatura clássica. No Oriente, a situação foi melhor: a biblioteca imperial de Bizâncio continuou a existir e a desenvolver seu papel, mesmo com oscilações, até a primeira Cruzada Latina (1204) e ao saque dos Turcos (1453); nas bibliotecas dos mosteiros orientais se desenvolve, com escrúpulo, a cópia dos manuscritos para serem transmitidos às gerações futuras.

A biblioteca medieval é um centro de produção dos MSS, o trabalho dos monges vai desde a confecção do pergaminho até a encadernação do códice, o que se tornou possível graças à organização de uma comunidade como o mosteiro. Ligações com o passado pagão se tornaram possíveis, em alguns poucos centros, devido à compreensão de alguns chefes como Cassiodoro no *Vivarium* (VI séc. d.C.) e Isidoro em Sevilha (VII séc.). Enquanto isso, na Irlanda evangelizada emigram os monges para fundar no Continente importantes centros de cópia (Luxeuil, Corbie, S. Galo, Bobbio); Montecassino na Itália preserva os tesouros da literatura clássica.

(As experiências dos vários centros europeus se reúnem e se fundem no VIII séc. na Escola Palatina, fundada por Carlos Magno, com a maior biblioteca européia do tempo). A organização das coleções se aprimora porque se defronta com o aumento dos livros e dos usuários; com a fundação das universidades surgem os copistas leigos que se reúnem em sindicatos. A organização das coleções reflete a organização dos estudos, mas os catálogos empregam ainda a ordem topográfica: dentro de cada classe aparecem, às vezes, índices por autor e por assunto. De cada códice se fornece uma descrição detalhada com o título por extenso, *incipit* e *explicit*, e à miúdo também o preço pago para a cópia, e sua origem; em certos catálogos aparece a notação que indica o lugar do MS na coleção. Com o preço caminha-se para o registro contábil que, segundo alguns, seria o caráter mais marcante da biblioteca moderna. A abertura ao público das salas de consulta traz um fato novo e singular: os códices ficam presos às estantes, numa tentativa de conciliar a disponibilidade com a raridade. (O primeiro registro de um catálogo interbibliotecas aparece no XII século com o *Registrum librorum Angliae*, que reunia as informações sobre o acervo dos 183 mosteiros franciscanos ingleses do tempo.)

Com o humanismo e o renascimento, livros e bibliotecas adquirem uma extraordinária importância; uma das paixões dos estudiosos é procurar em toda parte nos mosteiros ocidentais e orientais os clássicos que são redescobertos, copiados, comprados e até surrupiados. Petrarca, morrendo, deixa suas coleções à República de Veneza para constituir uma biblioteca pública, assim como o humanista Niccoló Niccoli, em Florença, deixa seus livros, que formarão o núcleo da biblioteca dos Médici. Vespasiano da Bisticci organiza

em Florença uma rede de escritórios para cópia de livros com uma clientela ilustre que vai de Cosme de Médici a Frederico de Montefeltro e até estrangeiros como Matias Corvino, rei da Hungria. O humanista Tomas Parentucelli que ocupou o trono de São Pedro com o nome de Papa Nicolau V, era um teórico da biblioteconomia que fizera um plano para a organização da Biblioteca do Convento de S. Marcos para Cosme de Médici, plano que serviu de base para muitas futuras bibliotecas. O primeiro lugar era ocupado pela Bíblia, depois os Padres da Igreja, os teólogos, os filósofos e em seguida a literatura e a poesia clássica e finalmente o Direito.

Com Nicolau V e Sisto IV, a Biblioteca Vaticana tornou-se a maior biblioteca européia do século XV. Seus 3.500 códices são colocados à disposição dos estudiosos. Em comparação com as coleções medievais, as humanísticas mudam o tipo de fundos: a literatura clássica prevalece sobre os autores cristãos, não a forma dos livros ou os métodos de conservação e de catalogação. O número de volumes e de usuários das bibliotecas de MSS, mesmo nas assim chamadas públicas, não se modificou substancialmente, em consequência não se percebeu ainda a necessidade de mudar as estruturas e a organização da biblioteca.

A BIBLIOTECA DEPOIS DA INVENÇÃO DA IMPRENSA

Com os tipos móveis, a máquina intervém pela primeira vez no setor das comunicações humanas; seus efeitos constituem a mais importante reviravolta na história da civilização depois da invenção da escrita. Falando da invenção dos tipos móveis, nós nos referimos àquela que se deu na Europa ocidental, sem considerar que o processo já fora descoberto na China cerca de 8 séculos atrás. De 1450 até hoje a produção

de livros cresceu em progressão geométrica, duplicando a cada 25 anos. A biblioteca esforça-se confusamente para acompanhar esse aumento, em acolher em suas estruturas e de colocar à disposição, através de seus serviços, tudo que se publica. Mas a isso se opõem a insuficiência dos meios e a incapacidade de ver claramente a significação e a finalidade da biblioteca na nova situação.

Séculos de imobilidade fizeram da biblioteca um organismo estático, que não consegue adequar-se rapidamente e interagir com os fenômenos dinâmicos, que são causa e efeito da produção editorial e do movimento de idéias. Estas, por sua vez, são dinamizadas pelas mudanças da realidade provocadas pelo desenvolvimento tecnológico, etc. Na assim chamada idade moderna, que chega até nossos dias, a estrutura da biblioteca é obrigada a modificar-se continuamente até que mude também seu significado e sua natureza. Doutro lado, as reformulações sociais alteram profundamente suas funções: os processos de adequamento da biblioteca às necessidades da sociedade não acompanharam o mesmo esquema em todos os países: como serviço que abrange as estruturas econômicas e culturais de uma mesma nação, ela recebeu maior apoio e, por isso, maior incentivo, nos lugares aonde as escolhas políticas se fizeram tempestivamente. Uma das manifestações mais vistosa é a aparição gradual de novos tipos de bibliotecas, devido à sua diferente origem e à sua diversa função.

Antes do século XV as bibliotecas eram particulares ou ligadas a instituições; com o século XVI e os seguintes, surgem:

1. as bibliotecas constituídas como fundação e mantidas por dotação;

2. as bibliotecas nacionais (em geral derivam das reais);
3. as bibliotecas circulantes, com pagamento de certa importância por parte do usuário;
4. as filantrópicas, com base financeira mista;
5. as públicas anglo-americanas, mantidas por contribuições fiscais.

As bibliotecas nacionais têm o depósito obrigatório: com a formação dos estados centralizados, surge e se desenvolve a consciência de um direito nacional de propriedade sobre a produção dos bens culturais, pelo menos daqueles que podem ser multiplicados em vários exemplares idênticos. Dessa idéia tomara corpo, aos poucos, o conceito de patrimônio bibliográfico nacional e, em consequência, a preocupação com sua eficiente conservação. Foi Francisco I, rei da França, que em 1537 iniciou o depósito obrigatório sobre os impressos, em benefício da biblioteca real, valendo-se da obrigatoriedade de apresentar uma cópia de cada livro para obter o *nihil obstat* da censura. Seu exemplo foi seguido por outros estados europeus.

As bibliotecas crescem agora rapidamente: os sistemas medievais de conservação dos livros em armários, arcas, estantes de tampo inclinado, não são mais compatíveis com o número de livros impressos. Adotam-se prateleiras encostadas ou embutidas nas paredes, e, com o passar do tempo, à uma parte inferior acrescenta-se outra (a galeria) à qual se atinge por meio de rampas ou escadas fixas. Um dos primeiros exemplos deste tipo de sistema é a biblioteca do Escorial, construída em 1584 por Felipe II de Espanha. O espaço central das salas, antes destinado às coleções, fica desse modo vazio e livre para exibir objetos curiosos, instrumentos matemáticos, globos, coleções numis-

máticas, conforme o gosto e os interesses dos eruditos dos séculos XVI e XVII. Os livros são colocados nas estantes em ordem sistemática, quer dizer, conforme as grandes divisões do saber, de uma maneira que refletia em geral — ideologicamente — as opiniões metafísicas e as hierarquias culturais e intelectuais da época: do sistema filosófico-bibliográfico de Konrad von Gesner (1516-65) ao esquema filosófico de Francis Bacon. Esse último, com seu *Advancement of Learning* exercerá uma influência marcante sobre os futuros esquemas de classificação conceitual e livreira, da Encyclopédie de Diderot e D'Alembert até as categorias adotadas pela Library of Congress de Washington e a Classificação Decimal de Dewey.

O catálogo, por sua vez, reproduz a ordem das estantes, sendo, às vezes, dotado de índices por autores e por assunto. Algumas das maiores bibliotecas iniciam a publicação de seus catálogos. Notável impulso para a introdução, a difusão e o aperfeiçoamento das técnicas de indexação aplicadas aos catálogos por assunto foi dado pela publicação de algumas bibliografias eruditas, em particular a de Tritheim no fim do século XV e a de Konrad von Gesner. Este último forneceu em seus 4 volumes da *Biblioteca universalis* (1545-1555) um modelo de indexação: cada obra aparece sob o autor ou o assunto; o índice é ainda por nome, conforme o uso, mas há outro índice por sobrenome e remissivas das variantes dos nomes. Os assuntos são divididos em 21 classes, que por sua vez se subdividem em seções, e estas em subseções, formando uma rede vastíssima e capilar.

Possuindo uma dotação, ou ligadas a grandes universidades, as bibliotecas públicas crescem em número, mas nem sempre o termo “públicas” significa abertas a todos sem distinção. Uma das primeiras bibliotecas

européias que não discriminava o acesso ao público foi a *Biblioteca Angélica* de Roma, aberta pelo agostiniano Angelo Rocca nos últimos anos do século XVI. Sir Thomas Bodley, entre 1598 e 1602, reconstituiu a biblioteca da Universidade de Oxford, que em seguida se chamaria Bodleiana. Ele dividiu os livros em quatro seções: teologia, medicina, direito e artes, dentro de cada seção conforme o formato do livro, e cada formato por ordem alfabética de autor; em 1605 publicou o catálogo da biblioteca. Em Milão, o Cardeal Frederico Borromeu fez construir, entre 1603 e 1609, a Biblioteca Ambrosiana e determinou que fosse “de fato” pública. Tomando como exemplo a Bodleiana e a Ambrosiana, G. Naudé, o maior dos bibliotecários do século XVII, realizou, graças ao mecenatismo do Cardeal Mazarin, o programa por ele traçado em 1627 em seu *Advis pour dresser une bibliothèque*. Para ele, a biblioteca deveria estar a serviço de todos e ter um caráter universal; deveria conter os livros mais importantes editados em todo o ramo do saber, nas línguas originais e em tradução; deveriam estar representadas todas as literaturas antigas e as contemporâneas e deveria ter lugar para obras ortodoxas e heterodoxas. Mas as teorias racionais de Naudé a favor de um meditado sistema de bibliotecas não se limitam apenas às recomendações de caráter cultural. Ele sustenta, como fundamental, o princípio de que uma biblioteca em que não se tome em consideração a ordem e a disposição dos livros e a organização dos catálogos não é uma biblioteca mas um amontoado de livros. Ele reputa como superior a disposição de livros por matéria e crítica, a esse respeito, a colocação adotada na Ambrosiana, com seus volumes arrumados ao acaso, sem ordem lógica e em uma posição fixa. Neste caso, somente o catálogo por autores pode funcionar e

quando integrado com um catálogo sistemático. Naudé foi também o primeiro que teve uma clara visão das funções e do significado dos catálogos: do alfabético por autores ele define as finalidades, que identifica em duas direções: no controle das obras para evitar compras em duplicata e identificar as que faltam e permitir ao leitor encontrar as obras dos autores desejados. Naudé insiste sobre a necessidade da biblioteca ser aberta a todos e afirma que naquele tempo somente três bibliotecas ofereciam, de fato, esta condição: a Bodleiana, a Ambrosiana e a Angélica. Com a Biblioteca Mazarina, realizada por Naudé em 1647, Paris teve de fato a primeira biblioteca pública. Infelizmente a esplêndida coleção durou pouco porque, em consequência da Revolução da Fronda e da fuga de Mazarin, a coleção foi dispersada. Mas não foi este um caso isolado: as guerras do século XVII, em particular as religiosas, levaram ao saque e à destruição de numerosas bibliotecas, especialmente na Alemanha tornou-se um costume que os "condottieri" e os generais considerassem os livros como presa de guerra.

O papa Sisto V dá à Vaticana uma nova sede. No século XVII ela aumenta consideravelmente seus fundos com a incorporação de 3 coleções: a Palatina de Heidelberg, depredada por Maximiliano de Bavária e doada ao papa em 1623, a Biblioteca de Urbino que fora dos duques de Montefeltro e a Biblioteca particular da Rainha Cristina de Suécia.

Em Wolfenbüttel, Augusto, duque de Brunswick funda a biblioteca Augustea e ele próprio escreve os catálogos, deixando à sua morte 28.000 volumes. Em Viena, o Imperador Fernando II constitui em 1526 aquela que se tornará a biblioteca nacional austríaca; Frederico Guilherme abre em Berlim, em 1659, a primeira biblioteca pública. E assim por diante biblio-

(tecas públicas surgem e se consolidam em todas as capitais européias, favorecidas pelo mecenatismo que aumentava o prestígio dos príncipes; o que também estimulava era o novo clima de entusiasmo pela pesquisa histórica e pela investigação científica.) Muitas das novas bibliotecas são, pois, eruditas com alto nível de especialização: elas servem a um público selecionado, dotado de um grau de educação superior ao intelectual médio dos nossos dias. Estamos ainda longe das bibliotecas acessíveis a um público comum ainda que apenas das classes médias, que já era alfabetizado por causa da instrução religiosa e literária difundida pelo movimento protestante e pela contra-reforma católica.

Em 1676, ocupou o cargo de bibliotecário da biblioteca de Hanover um dos homens mais geniais de todos os tempos, Gottfried Wilhelm Leibniz. As idéias por ele expressas a propósito das bibliotecas e da biblioteconomia permaneceram quase todas inéditas e por isso sem conseqüências práticas, mas hoje podemos avaliar seus méritos. Leibniz dá à biblioteca o caráter de uma instituição pública, igualando-a à escola. A finalidade da biblioteca é contribuir para o progresso e para o melhoramento da humanidade. São duas as afirmações de princípio que logo conferem a medida de um conceito completamente novo, quase revolucionário, da significação e do rol das bibliotecas para a educação e para a sociedade: é fácil descobrir nelas os ideais iluministas e a fé no progresso da humanidade. O conhecimento para Leibniz pode progredir somente quando cada indivíduo tem a possibilidade de informar-se sobre o que já foi escrito sobre um certo assunto, daí a função essencial e insubstituível das bibliotecas no progresso das ciências e na pesquisa em geral. O valor de uma biblioteca não

depende do número de raridades ou preciosidades de seus livros, mas da qualidade deles. A biblioteca deve ser atualizada continuamente com oportunas aquisições, pois de outro modo perde sua utilidade, eficácia e importância. Além do catálogo sistemático e alfabético por autores, é necessário que possua um catálogo cronológico por ano de publicação e principalmente um riquíssimo catálogo por assunto. Nas recomendações de Leibniz podemos ver o desenho e o programa daquela que será em parte a biblioteca moderna de pesquisa e talvez a antecipação dos atuais centros de documentação. (A teorização leibniziana demonstra que a relação entre um depósito de dados e o usuário é constante, se permanecem constantes as formas de registro e de extração dos dados.) As instituições e as propostas de Leibniz a esse respeito não foram superadas e constituem ainda hoje uma meta desejada. Para mostrar como Leibniz foi preocupado, já naqueles tempos, com a necessidade de atualização e comunicação dos conhecimentos para o progresso e a felicidade humana, vale o seu projeto de uma enciclopédia universal, que deveria ser formada pela fusão dos catálogos por assunto das principais bibliotecas, o que hoje chamaríamos banco mundial de dados e informações, quem sabe organizados em gigantescas memórias de computadores eletrônicos. Com tal finalidade ele escreve a Luiz XIV de França pedindo que patrocine uma resenha internacional de todas as publicações científicas e eruditas. Sobre cada um dos tópicos, especialistas emitiriam seu juízo, assim se teria um mapa completo dos estudos e das pesquisas e ao mesmo tempo um esquema básico para pesquisas futuras. Interessante a divisão sistemática das obras da biblioteca proposta por Leibniz: as primeiras divisões, depois ulteriormente fracionadas são dez: Theologia,

Jurisprudentia, Medicina, Philosophia intellectualis, Philosophia rerum imaginationis seu mathematica, Philosophia rerum sensibillium seu physica, Philologia seu res linguarum, Historia civilis, Historia litteraria et res bibliothecaria, Generalia et miscellanea.

No século XVIII florescem os grandes trabalhos de reconstrução histórica e filológica do passado: é a época — pelo menos na Itália — dos grandes eruditos de excepcional memória que merecem o apelido de bibliotecas viventes, e porque as pesquisas históricas e literárias se realizam nas bibliotecas e nos arquivos, não é raro que o bibliotecário seja um erudito. Nessa coincidência está a origem do juízo deformado da figura e das funções do bibliotecário, distorção essa, talvez, até hoje, não completamente apagada. As bibliotecas prosperam, o gosto pela indagação torna-se moda e espalha-se em círculos sempre maiores, a razão procura esclarecer os campos tenebrosos da história nacional e dos fenômenos naturais e estes constituem alguns dos estímulos que levam a um maior uso das bibliotecas e ao mesmo tempo a um notável aumento da produção editorial.)

Agora somente pouquíssimas bibliotecas têm verba suficiente para adquirir tudo que tem certo valor; algumas, para continuar a proporcionar seus serviços aos estudiosos escolhem o caminho da especialização, quer dizer, enriquecem seu acervo apenas em determinadas direções. Somente uma biblioteca em cada nação se desenvolve e comumente coincide com a biblioteca régia ou principesca ou ducal. Em Paris, sustentada com entusiasmo pelo monarca, a biblioteca real é, às vésperas da Revolução Francesa, a mais rica do mundo, seja em volumes impressos ou em MSS: tem cerca de 60 funcionários e está publicando seu próprio catálogo. Em Londres, em 1759, é aberta ao público, mas

com muitas restrições, a biblioteca do British Museum. Em Petersburgo (atual Leningrado) Catarina II funda a mais importante biblioteca da Rússia. A Itália, entre os séculos XVII e XVIII possui alguns bibliotecários célebres, entre os quais L. Antônio Muratori que trabalhou na Ambrosiana e depois na Estense de Modena, Antônio Magliabechi a quem Cosme II confiou a Palatina de Florença, Francisco Marucelli que deixou em testamento suas coleções para a cidade de Florença como biblioteca pública. Em 1701, em seus legados, o Cardeal Casanate deixa ao público em Roma sua biblioteca com o nome de Casanatense e a provê de rendas suficientes para garantir seu funcionamento e sua expansão e a publicação de seu catálogo, que aparece em 1761 e dá a medida dos progressos e dos resultados alcançados nas técnicas de catalogação na época.

Na segunda metade do século XVIII, as idéias iluminísticas encontram aplicação nas reformas jurídicas e práticas adotadas por alguns soberanos, em particular pela Casa de Lorena com José e Leopoldo II. Pelo que nos interessa, foram suprimidas todas as irmandades e ordens religiosas que não tivessem finalidades hospitalares ou educativas, e suas bibliotecas foram transferidas para as bibliotecas públicas, estaduais ou universitárias. Para muitas bibliotecas alemãs, austríacas e italianas trata-se de um grosso aumento dos fundos, mas como os métodos de organização já eram insuficientes para a organização dos materiais bibliográficos existentes, o imprevisto acréscimo somente agravou a situação. É o que vai acontecer na França com a Revolução Francesa e na Itália com a supressão das congregações religiosas, em consequência das leis promulgadas depois de 1860. Na França uma avalanche de livros, calculada em 7 milhões, der-

rama-se nas bibliotecas existentes e em 8 depósitos instituídos para este fim pelo governo revolucionário. Em 15 de maio de 1781, a Convenção Nacional, para dar uma sistematização uniforme a estes volumes, emite umas disposições para sua catalogação e registro: origina-se assim o 1º códice de regras catalográficas. Para acelerar a execução das operações e para diminuir os gastos, as instruções autorizavam abandonar a compilação dos catálogos em volumes e a usar em seu lugar fichas, empregando como material até baralhos de cartas roubados.)

(No século XVIII o número de alfabetizados foi crescendo de maneira constante, especialmente nos países protestantes; lá para o fim do século são introduzidas as primeiras reformas para a instrução obrigatória e gratuita. As monarquias absolutas viam com certo interesse uma educação de massa em prol do artesanato, da agricultura, e da industrialização que estava começando, mas a Revolução Francesa vai muito além, ela torna obrigatória e gratuita a instrução elementar como um direito de cada cidadão.)

Quem lê é — em falta ou como acréscimo de outros lazeres — um fruidor de livros e, se as bibliotecas existem, ele é um usuário dessas bibliotecas, com a condição de que elas se adaptem ao seu nível cultural e ao seu grau de curiosidade. Infelizmente na Europa continental, apesar das afirmações de princípio da Revolução Francesa, não se entende (ou não existiam ainda as condições para entender) o papel e os serviços que as bibliotecas poderiam desenvolver para a elevação cívica e democrática dos largos estratos populares; houve até, nos poucos casos em que alguns autores da “biblioteca para todos” apresentaram propostas ou realizações, uma oposição clara e feroz.

As conclusões ideais do Iluminismo e da Revolução Francesa emigram para a Inglaterra e para os EEUU da América; a história das bibliotecas no século XIX é, na realidade, a história das bibliotecas dos países anglo-saxônicos onde a relação biblioteca/sociedade é válida, vale dizer operante e eficiente, como o fora em tempos idos em outras civilizações.)

Para satisfazer as necessidades de instrução e de distração dos que não eram sábios, estudantes ou suficientemente ricos para possuir suas próprias coleções de livros, toma forma, a partir do século XVII, a biblioteca circulante, quer dizer uma coleção de volumes que são emprestados para leitura, mediante pagamento de pequena quantia. Às bibliotecas circulantes devem-se acrescentar as bibliotecas por subscrição ou assinatura, que exigiam o pagamento de uma quantia fixa mensal. Além dessas, as bibliotecas filantrópicas, aquelas que se mantêm em parte com as contribuições dos usuários. Essas bibliotecas têm tal desenvolvimento nos países anglo-saxônicos que são publicadas séries completas de literatura de ficção quase que exclusivamente para seu consumo. O fenômeno é tão visível que se começa a considerar a leitura como uma atividade de caráter social, cuja organização e cujas conseqüências — se dizia — devem fazer parte das preocupações e das competências dos poderes públicos. Por volta de 1850, nos EEUU e na Inglaterra são promulgadas leis que autorizam o emprego de certa percentagem dos impostos na construção e manutenção das bibliotecas públicas: é o primeiro passo para a realização de uma capilar e eficiente rede nacional de bibliotecas destinadas à consulta, à leitura e ao empréstimo para o grande público. A biblioteca toma seu lugar ao lado e como integrante da escola, como fator de grande relevo não somente na educação, mas na formação da

consciência cívica e comunitária dos jovens e dos adultos.

Semelhante instituição não deu resultado, a não ser esporadicamente, na Europa continental, onde até hoje permanece na injusta e desfavorável dicotomia das bibliotecas acadêmicas de um lado, e das poucas bibliotecas populares e escolásticas do outro.

Do século XIX em diante, as bibliotecas adquirem sua fisionomia atual. Enquanto a Revolução Industrial está modificando profundamente as condições de vida de grande parte da humanidade, a biblioteca mantém sua configuração e seus métodos anteriores, na realidade mais ou menos os mesmos que usara a Biblioteca de Alexandria. As linhas de desenvolvimento são impostas pelo aumento dos acervos, aumento do espaço destinado aos volumes, tamanho dos edifícios, dos catálogos. Alguns catálogos são publicados, por exemplo, o do British Museum, da Library of Congress de Washington, da Bibliothèque Nationale de Paris, mas envelhecem logo e devem continuamente ser integrados com volumes suplementares e refundidos em novas edições sempre mais volumosas. Nenhuma biblioteca pode adquirir e conservar o material publicado em todo o mundo, cada nação confia a uma ou mais bibliotecas, chamadas nacionais ou centrais, a tarefa de reunir toda a produção nacional e parte representativa da estrangeira.

Desde que livros e publicações periódicas começaram a adquirir um valor essencial na troca de informações e de experiências científicas e tecnológicas e se tornaram, pois, instrumentos indispensáveis de trabalho e de pesquisa para o desenvolvimento industrial e econômico, sua urgente disponibilidade e seu máximo rendimento não podiam mais depender da organização das bibliotecas tradicionais, impostas sobre

outras exigências intelectuais e sobre diferentes ritmos operacionais.

Estende-se pois a gama das bibliotecas: às nacionais, às públicas, às universitárias, ou mais geralmente escolares, acrescentam-se as bibliotecas especializadas. Elas podem empregar técnicas particularmente sofisticadas no tratamento e na catalogação não só do material impresso, como de qualquer outro material audiovisual, desde os microfilmes até as fitas magnéticas. As bibliotecas especializadas têm seu valor nas indústrias e nos institutos de pesquisa pura e aplicada: sua finalidade é fornecer ao estudioso, ao cientista, ao técnico, os documentos que contêm dados e informações de que ele precisa, para orientar ou continuar seus estudos e suas investigações. Essas bibliografias, chamadas de centros de documentação, estão realizando em parte as proféticas idéias de Leibniz; infelizmente sua contribuição para uma teoria geral das bibliotecas é modesta, pois essas operam em ambiente fechado e sua metodologia é, a miúdo, imprevista e distorcida por finalidades demasiadamente próximas e pragmáticas.

Muitas das bibliotecas antigas não tiveram previsão adequada de seu desenvolvimento, ou (mesmo com dotações suficientes no começo) deixaram de se atualizar por sucessivas dificuldades financeiras ou por se afastarem dos ideais iniciais. Em muitos países europeus existem hoje bibliotecas-museu ou bibliotecas de conservação: elas representam um problema à parte no sistema bibliotecário das nações européias. Devem elas ser mantidas como estão, na unidade arquitetônica e decorativa que possuem? devem ser dotadas de subsídios adequados para a pesquisa, no campo de sua especialização quando de sua fundação? ou devem ser reunidas por motivo de ordem econômica e para favo-

recer a concentração de MSS, documentos e livros antigos e as pesquisas dos especialistas nestes setores, e em geral nos vários campos da história da cultura? Ao lado de tudo isso está o problema da preservação e da integridade física do livro e dos vários materiais contra o envelhecimento e a desagregação produzida pelos agentes biológicos, físicos e químicos. As preocupações maiores são as de uma redefinição das tarefas e a focalização da estrutura da biblioteca. O sistema de comunicação está articulado em 4 pontos: documentos, reunião, tratamento e usuário, dos quais a biblioteca ocupa as fases centrais com função intermediária entre os primeiros e o último. Esse sistema se coloca agora no quadro conceitual mais amplo da moderna ciência da informação. O escopo é de fornecer um fundamento teórico ao conjunto dos processos de comunicação que se dão por intermédio de um depósito do registro das informações. Os fenômenos a serem descritos e interpretados são muito complexos porque afundam nas zonas ainda obscuras das interações múltiplas no indivíduo e entre indivíduos e sociedade, e elas podem ser enfrentadas somente pelo esforço conjunto de muitas disciplinas como a matemática, a biologia, o behaviorismo e a teoria das comunicações. Como faltam princípios explicativos de caráter geral, não estamos em condições nem de prever o andamento dos fenômenos, nem de programar estratégias ótimas de aproximação e de solução destes fenômenos. Um destes é constituído pelos serviços que as máquinas podem fazer em um centro de informações. Mas percebemos que a biblioteca é um fenômeno ecológico, ou seja, representa apenas uma das formas que têm a função de favorecer a comunicação entre os homens) é necessário perguntar se ela representa a forma mais idônea, e, para responder, precisa

encontrar novas e diferentes formas. Se os processos de comunicação podem ter uma fisiologia diferente e mais eficaz que a atual, devido à intervenção da metodologia e dos processos oferecidos pela ciência e pela tecnologia contemporânea, é óbvio que devem possuir também uma anatomia diferente seja na arquitetura, seja nos componentes. No projeto INTREX (Information Transfer Experiment) que está sendo realizado no Massachusetts Inst. of Technology, a célula do organismo bibliotecário não é mais o livro ou o artigo de periódico, mas é a unidade de informação depositada nos núcleos magnéticos da memória de um computador eletrônico. No futuro próximo, os bancos de dados, as redes nacionais ou locais de consulta a domicílio por meio de uma unidade telescrevente e de um vídeo de televisão, poderão tornar-se uma realidade. Mas como a leitura proporciona ainda o meio de extração de dados mais rápido e mais cômodo, além de constituir uma fonte autônoma de deleite mental, o livro continuará a existir, mesmo que impresso com métodos diferentes dos atuais. Continuarão a existir também as bibliotecas tradicionais, ao lado dos centros de informação, mas disporão de uma organização mais racional e eficiente e, com certeza, estarão ainda mais diferenciadas das atuais. De qualquer maneira o melhoramento do sistema bibliotecário procederá por igual com a formação de uma teoria cultural solidamente baseada sobre as exigências econômicas, educativas e intelectuais da sociedade.)

It considers the history of libraries as result of the evolution of philosophical ideas and systems that occurred throught the centuries, and their implications for the library of the future.